

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE DO CONHECIMENTO E DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

THE FORMATION OF SPIRIT SCIENTIFIC IN INFORMATION SCIENCE: CONTRIBUTIONS OF KNOWLEDGE PSYCHOALYSIS AND SOCIAL RESPONSIBILITY

Sérgio Rodrigues Santana - Universidade Federal da Paraíba

Edivanio Duarte de Souza - Universidade Federal de Alagoas

Resumo: A informação na Ciência da Informação é constitutiva de complexas relações disciplinares, polissêmicas e intersubjetivas, que demandam racionalidade e vigilância epistêmica. A partir desse entendimento, reflete-se sobre a formação do novo espírito científico na Ciência da Informação, considerando as abstrações nebulosas da felicidade. Trata-se de uma abordagem hermenêutica e qualitativa fundamentada no método compreensivo-interpretativo que possibilita novas compreensões. Para isso, utilizou-se da Psicanálise do conhecimento científico em colaboração com a Responsabilidade social, por meio da ética e da moral, como condicionantes da prática científica na Ciência da Informação. Os aspectos axiológicos que se estruturam de forma intersubjetiva tomam a dimensão subjetiva na psique no fluxo das forças conscientes, pré-conscientes e inconscientes dos pesquisadores e produzem devaneios, que emergem como obstáculos epistemológicos. Significa visualizar o sujeito ético sob a dimensão do inconsciente, o sujeito moral, sob a dimensão do consciente e a ação do sujeito ético sobre o sujeito moral. Para descortinar abstrações nebulosas/devaneios sobre a Sociedade da Informação e do Conhecimento, as tecnologias digitais de informação e comunicação, e a informação.

Palavras-Chave: Epistemologia da Ciência da Informação; Formação do espírito científico; Obstáculos epistemológicos; Psicanálise do conhecimento científico; Responsabilidade social.

Abstract: Information in Information Science is constitutive of complex disciplinary, polysemic and intersubjective relationships that demand rationality and epistemic vigilance. From this understanding, it reflects on the formation of the new scientific spirit in Information Science, considering the hazy abstractions of happiness. It is a hermeneutic and qualitative approach based on the comprehensive-interpretative method that enables new understandings. For this, we used the psychoanalysis of scientific knowledge in collaboration with social responsibility, through ethics and morals, as conditioning factors of scientific practice in Information Science. Intersubjectively structured axiological aspects take on the subjective dimension in the psyche in the flow of conscious, preconscious, and unconscious forces of researchers and produce daydreams that emerge as epistemological obstacles. It means visualizing the ethical subject on the dimension of the unconscious, the moral subject on the dimension of the conscious and the action of the ethical subject on the moral subject. To uncover hazy / daydreaming abstractions about the Information and Knowledge Society, digital information and communication technologies, and information.

Keywords: Epistemology of Information Science; Formation of the scientific spirit; Epistemological obstacles; Psychoanalysis of the scientific knowledge; Social responsibility.

1 INTRODUÇÃO

Parte considerável da literatura da Ciência da Informação expressa que o conhecimento em informação tem como condições epistemológicas uma rede complexa de relações disciplinares, polissêmicas e intersubjetivas, que demandam reflexões acerca da racionalidade e vigilância epistêmicas, sobretudo, na formação dos atores sociais, estudantes, professores e pesquisadores, atuantes na comunidade científica.

É imperativo compreender, a partir dos estudos poliepistemológicos da informação, como se estabelecem as forças psíquicas do pesquisador sobre o fazer científico, visualizando romper estruturas que são considerados obstáculos para o avanço científico, como as abstrações que turvam o pensamento científico (BACHELARD, 1994, 1996; RAYAWRD, 1997; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000; KUHN, 2016; TARGINO *et al.*, 2019).

Isso implica debruçar sobre a formação de novo espírito¹ científico, visualizando os cenários de antecipação científicos no sentido do afastamento de práticas superficiais pseudoepistêmicas na Ciência da Informação, ou seja, o devir de afastá-la das abstrações nebulosas da psique. Os corpos se entregam ao longo das experiências vividas no mundo da vida, e que naturalmente refletem posteriormente no entorno da informação. Trata-se de objetos representados por características interdisciplinares, intersubjetivas, subjetivas, polissêmicas, fractais e caleidoscópicas, que demandam racionalidade e vigilância epistêmica (BACHELARD, 1994, 1996; CAPURRO; HJØRLAND, 2007; SILVA, 2014; TARGINO *et al.*, 2019).

Essas condições são estratégias na medida em que se considera a Sociedade da Informação, do conhecimento e dos desejos fluidos, com o desejo do retorno ao paraíso, no fluxo vertiginoso de dados, do acesso e uso da Informação sem precedentes e da metamorfose profusa dos signos, significantes e significados na construção do conhecimento. Essas condições tornam o cotidiano cada vez mais ambíguo e desafiador para o fazer cotidiano científico (WEIL, 2000; TEIXEIRA, 2001; AZEVEDO NETTO, 2002; DUNKER, 2017).

Parte de pesquisa em andamento, esta comunicação realiza uma reflexão epistemológica visualizando a promoção de novo espírito científico na Ciência da Informação (BACHELARD, 1994, 1996; MINAYO, 1996). Emergiu da abordagem hermenêutica e

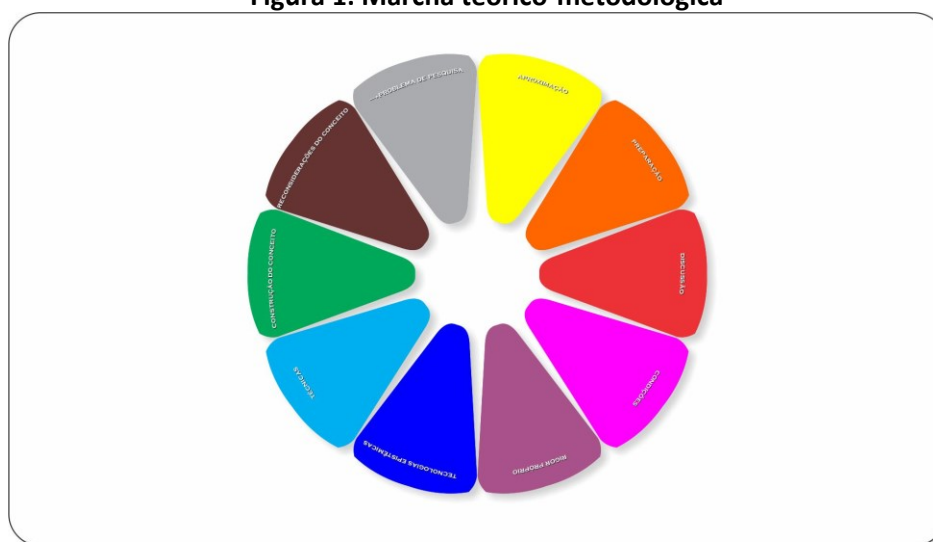
¹Bachelard (1996) destaca três etapas do pensamento científico, a saber, o estado pré-científico, da Antiguidade Clássica, passando pelo Renascimento dos séculos XVI, XVII e XVIII; o estado científico, estágio de preparação: fim do XVIII, XIX e início do XX; e o estado do novo espírito científico, iniciado em 1905, com a Teoria da Relatividade de Einstein.

qualitativa, com base no método compreensivo-interpretativo, que possibilita novas compreensões (MASINI, 2004). Pois ele também pode analisar o contexto social-acadêmico, o papel do pesquisador quanto a interesses, intenções e comodidades que emergem dos valores. Situar a psique nos estudos da Ciência da Informação ocorre pela inclinação interdisciplinar, que passa a contribuir por meio de reflexão epistêmica sobre seu objeto científico e caráter social, suspendendo os sujeitos e suas individualidades socioculturais, que refletem sobre as forças psíquicas (BORKO, 1968; LE COADIC, 1996; SARACEVIC, 1996). O estudo se caracteriza como qualitativo, destaca-se a Psicanálise do conhecimento científico como fio teórico-epistêmico ancorado na Responsabilidade social a partir da ética e da moral (TARGINO *et al.*, 2019).

2 PSICANÁLISE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: AUTOCRÍTICA PARA A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO

É possível perceber a separação entre o espírito do sujeito realista e o do cientista. O realista toma para si o objeto particular porque o possui, assim, o representa e o mensura apenas de forma estética e simbólica, se afastando da forma epistêmica. Ao inverso, o cientista toma a marcha teórico-metodológica como mais importante do que o objeto. Uma vez que o objeto é resultante da marcha congruente ao novo espírito científico (BACHELARD, 1996; AUMONT, 2012).

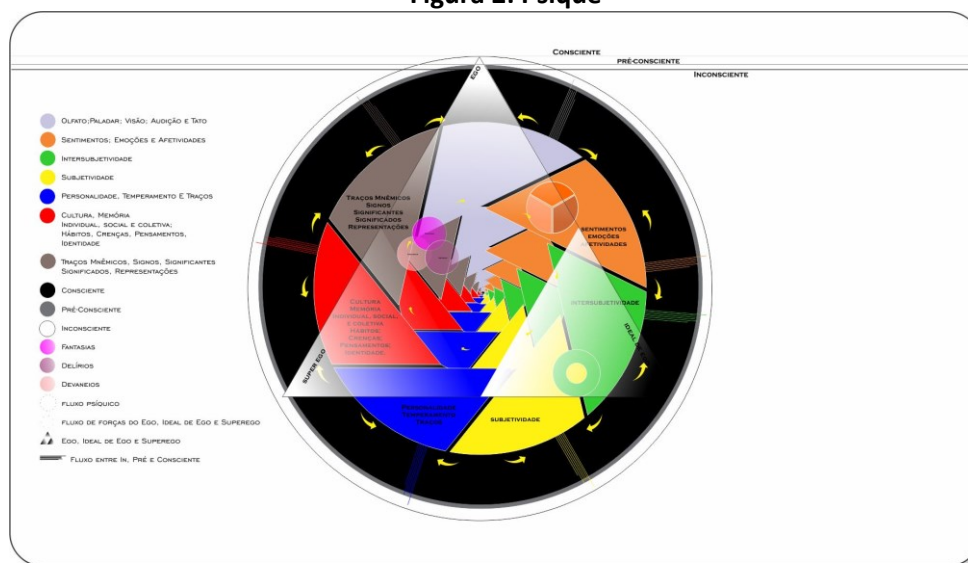
Figura 1: Marcha teórico-metodológica



Fonte: Pesquisa, 2019.

Assim, de acordo com a Figura 1, uma marcha teórico-metodológica inclui um problema de pesquisa (cinza), a aproximação (amarelo), a preparação (laranja), a discussão (vermelho), as condições (rosa), o rigor próprio (roxo), as tecnologias epistêmicas (azul), as técnicas (fenomenotécnica²) (azul claro), a construção do conceito do objeto científico novo (verde) ou as reconsiderações do antes construído (marrom) (BACHELARD, 1994, 1996; SISSON; WINOGRAD, 2012). Nestas representações conceituais pela marcha teórico-metodológica, consideram-se os silenciamentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, em síntese, considera-se a psique do pesquisador. Essa se refere a tudo o que é formado no imbricamento dos traços mnêmicos, signos, significantes, significados, formas, imagens e representações instanciadas³ e mentais, visuais, acústicas, táteis, cinestésicas. Esse conjunto de fenômenos contribui para a codificação, o imbricamento e, ao mesmo tempo, faz a distinção das dimensões dados, informação e conhecimento (FREUD, 1891; SETZER, 1999; AZEVEDO NETTO, 2002; SMIRAGLIA, 2005).

Figura 2: Psique



Fonte: Pesquisa, 2019.

De acordo com a Figura 2, parte externa, a psique é composta de três dimensões que também dizem acerca da construção do conhecimento. São elas o consciente (círculo

² A fenomenotécnica prolonga a fenomenologia e pode ser compreendida como a suspensão do senso comum e do conhecimento científico, com a imersão do cientista no pensamento racionalista aplicado que inclui a Filosofia do Não, a crítica, as rupturas, os obstáculos científicos, os erros epistêmicos e uma medida tecnológica. (BACHELARD, 1996).

³ Algo realizado do mental. A instanciamento se refere às concretizações e/ou realizações mentais (SMIRAGLIA, 2005).

branco), o pré-consciente (círculo cinza) e o inconsciente (círculo preto). Em termos de visibilidade das representações, o consciente é apenas uma parte do todo, como o *iceberg*. O inconsciente, por sua vez, constitui sua maior parte, onde está a maior parte do conteúdo base das representações que compõem emoções, pensamentos, sentimentos, desejos, sonhos, motivações, comportamento/attitudes e conhecimento (FREUD, 1891; ATKINSON *et al.*, 2002).

Ainda conforme a Figura 2, parte interna, a psique se constrói a partir das percepções básicas, como olfato, paladar, visão, audição e tato (espaço azul escuro). Assim, o sujeito é submetido às excitações que vêm de fora, da realidade externa. A partir dessas percepções, resultam-se emoções, sentimentos e afetividades (espaço laranja), que são as excitações que vêm de dentro. Sendo assim, tanto as excitações de fora quanto as excitações de dentro se apresentam como representações, ou seja, traços mnêmicos, signos, significantes, significados, imagens instanciadas e mentais (espaço marrom) (TARGINO *et al.*, 2019)

Quando compartilhadas em grupo por conexão de conscientes e/ou inconscientes, fazem emergir a dimensão de intersubjetividade (espaço verde), ou seja, do *ethos*, pelos aspectos da linguagem e comunicação pela cultura, memória individual, social e coletiva; hábitos; crenças e pensamentos; e identidade. A subjetividade (espaço amarelo), por sua vez, emerge da intersubjetividade em que signos, significantes e significados tornam-se exclusivamente individuais do sujeito, ou melhor, o *doxa* (FREUD, 1891; AZEVEDO NETTO, 2002; SMIRAGLIA, 2005; SILVA, 2014).

O lugar das representações de forma simbólica, estética ou epistemológica, na construção do conhecimento, na psique é determinado pelo fluxo de interesses, intenções e comodidades do pesquisador na interação entre a instância do ego, ideal de ego e superego representada na Figura 2 (conjunto de triângulos). O ego (ponta que emerge no consciente) é o princípio da realidade, a estrutura que se demonstra aos outros pares, cativo dos desejos do ideal de ego (triângulo localizado no inconsciente). Ou seja, o ideal de ego, que é a instância onde estão os desejos, busca uma maneira adequada de realizar os desejos consciente e inconsciente do ego, mesmo que regras ditadas sejam vetadas pelo superego (FREUD, 1891; ATKINSON *et al.*, 2002; AUMONT, 2012).

Nesse sentido, é preciso considerar de forma crítica o fazer dos pares acadêmicos, com suas respectivas forças cômicas, o que inclui, entre outras, os conteúdos manifestos⁴ como o narcisismo acadêmico (endogenia acadêmica), o deboche quanto ao objeto científico de outrem, a pressa na pesquisa e, entre outros, as impressões primeiras e individuais. Estes, situados na dimensão consciente (círculo cinza claro), que é o sistema do aparelho psíquico que recebe as informações do exterior e do interior e entrega ao sujeito o conteúdo de forma clara. Contudo, é imperativo considerar os fenômenos incôscios, pela autocrítica (fazer próprio) dos excedentes, os conteúdos latentes⁵, simbólicos e estéticos individuais do pesquisador no fluxo cíclico da psique para se aproximar das representações epistemológicas pelas quais tem interesse. Em razão de a autocrítica ser uma característica e uma preocupação (não punitiva) acerca do desenvolvimento individual e profissional dos sujeitos, esta inclui as forças incôscias. Considerar os conteúdos do inconsciente, que também advêm das informações recebidas do exterior e do interior, bem como entregues ao sujeito sem que ele saiba, torna-se pertinente porque estes formam a grande parte da vida psíquica dos sujeitos, a que ele não tem acesso porque foram reprimidos ou recalçados (ATKINSON *et al.*, 2002; AUMONT, 2012; RESENDE, 2019).

Diferente da Psicanálise de Freud, do encontro a dois no divã, que investiga a neurose, a psicose e a perversão como possibilidades de constituição do sujeito, a Psicanálise do conhecimento científico faz referência ao retorno pela autocrítica à psique do pesquisador, tratando-se de um retorno fenomenológico, que significa o encontro de si mesmo. Retorno à distinção das abstrações nebulosas simbólicas, estéticas e epistemológicas, focando estas últimas na construção do conhecimento científico (BACHELARD, 1996; AUMONT, 2012).

No caminho de volta às coisas em si mesmas, ao mundo da experiência vivida, como ilustrado na Figura 3, o pesquisador pode visualizar seus interesses, intenções e comodidades conscientes e inconscientes desse mundo da vida. Porque é ela que suspende os aspectos axiológicos pelo o:

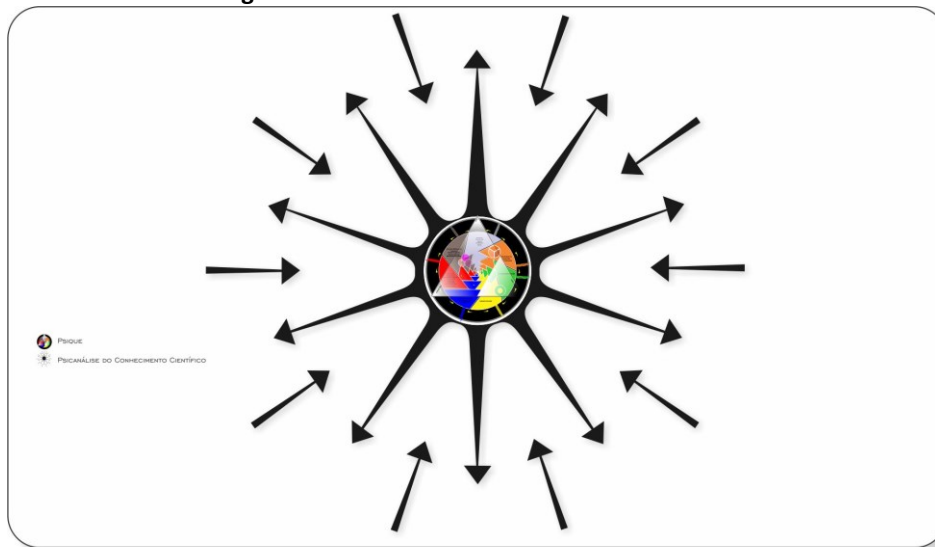
[...] efeito, de encontrar a ação dos valores [...] na própria base do conhecimento empírico e científico. Cumpre-nos, pois, mostrar a luz recíproca que vai constantemente dos conhecimentos objetivos e sociais

⁴ Nesta comunicação o conteúdo manifesto é consciente, é uma imagem visual. (ATKINSON *et al.*, 2002)

⁵ Nesta comunicação conteúdo latente é inconsciente, é algo semelhante a um impulso. (ATKINSON *et al.*, 2002)

aos acontecimentos subjetivos e pessoais, e vice-versa. Cumpre-se mostrar, na experiência científica, os vestígios da experiência infantil. (BACHELARD, 1994, p. 15).

Figura 3: Psicanálise do conhecimento científico



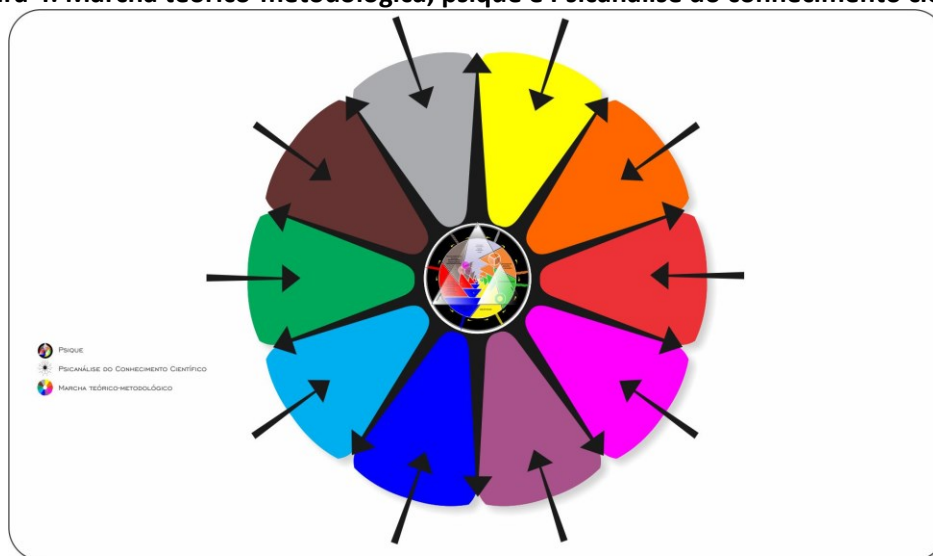
Fonte: Pesquisa, 2019.

Esse encontro se dá exatamente pelo racionalismo aplicado e pela vigilância científica na marcha teórico-metodológica (Figura 1), especialmente, sobre as irracionalidades. Assim, ao pensar por meio da Psicanálise do conhecimento científico se avança, especialmente, em termos de obstáculo epistemológico, que se compreende como qualquer abstração, pensamento e atitude arcaico, e, especialmente, inconsistente que delineia os interesses, as intenções e as comodidades que impedem os avanços da produção científica.

Assim, de acordo com a Figura 4, no fluxo epistêmico, que agrega marcha teórico-metodológica, psique e Psicanálise do conhecimento científico, é possível chegar às abstrações nebulosas conscientes e inconscientes, sobretudo, quando se destacam as irracionalidades, como os devaneios, uma expressão dos instintos humanos reprimidos.

[...] pode-se dizer que os devaneios [...] têm lugar no consciente ou no pré-consciente, diferentemente das fantasias mencionadas, cujo núcleo central encontra-se no inconsciente. Isto não quer dizer que os devaneios não tenham uma forte ligação com o inconsciente. Os conteúdos dos devaneios também têm suas raízes neste arsenal inconsciente, e é esta a razão pela qual o ato de devanear pode ser tão prazeroso – porque ele tem a mesma função de via de satisfação de desejos, tal como o delírio, as fantasias inconscientes ou os sonhos [...]. (TEIXEIRA, 2001, p. 81).

Figura 4: Marcha teórico-metodológica, psique e Psicanálise do conhecimento científico



Fonte: Pesquisa, 2019.

Assim, os devaneios são realizações dos desejos e fundam-se, em alto grau, em impressões das experiências infantis. Os devaneios emergem das ações dos valores, crenças, ideais simplórios e avaliações ilusórias que para os sujeitos são confirmados como conhecimento. Caracteriza-se o estado no qual o sujeito se deixa levar por imaginações, impressões, lembranças, imagens ou sonhos. Neste caminho mental, o mundo real se embaraça com a imaginação ou os desejos profundos dos sujeitos baseados em uma profusão de dados, informação e conhecimento. Assim, pode-se dizer que o devaneio é uma forma de pensamento que acontece durante a vida e desperta na instância consciente ou no pré-consciente, obedecendo às próprias leis (SETZER, 1999; TEIXEIRA, 2001).

Quando se destaca o inconsciente, que se refere a tudo que está na psique e influencia o comportamento do pesquisador sobre o cotidiano científico, considera-se que esse conteúdo resulta nos devaneios (círculo rosa), conforme a Figura 2. Ele diz acerca da imaginação como problemática das representações sobre a realidade, ou seja, das experiências infantis ou da profusão de dados, informação e conhecimento. Este é diferente do olhar científico sobre a natureza que implica seleção, recorte e delimitação dos fenômenos. O devaneio ama o grande, o infinito, o ilimitado (SETZER, 1999; ATKINSON *et al.*, 2002).

Assim, debruçar sobre as próprias emoções, os sentimentos e as afetividades (*frônese*) (espaço laranja), como pode ser observado na Figura 1, significa considerar interesses, intenções e comodidades. Essa postura epistemológica, por sua vez, significa

visualizar os objetos científicos, descortinando-os de forma mais epistêmica, uma vez que não há objetos científicos sem impressões da psique. A afetividade é uma experiência individual, que se origina de fora do sujeito, a partir de um estímulo externo do meio físico e social, afetando o sujeito e refletindo, principalmente, sobre as representações da realidade construídas por ele. Com efeito, o amor pelo objeto impede que o pesquisador veja o objeto de forma imparcial (NELSON; ROSSATO, 2013; DUNKER, 2017). A emoção, por sua vez, é uma expressão da vida afetiva que é acompanhada de reações intensas, breves e biológicas do organismo, seja de forma inesperada ou de forma aguardada. A emoção turva as representações da realidade, uma vez que é um estado agudo e transitório, como, por exemplo, a pressa na pesquisa (ATKINSON *et al.*, 2002; DUNKER, 2017). Os sentimentos, por sua vez, que são experiências coletivas, a tradução social do afeto, diferem das emoções porque são mais duradouros, menos explosivos e não emergem por reações orgânicas das emoções. Muitas vezes imperceptíveis, os sentimentos são privados e relacionam-se com o interior, mas refletem no objeto científico, o engessando (DUNKER, 2017).

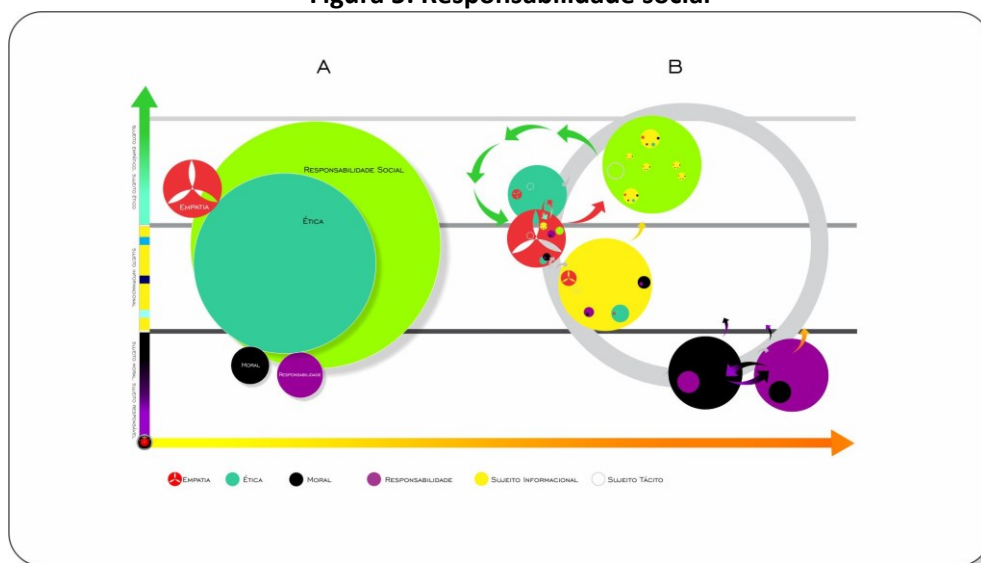
3 RESPONSABILIDADE SOCIAL: A VIA PARA PSICANÁLISE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para avanço epistêmico em termos de Psicanálise do conhecimento científico, a Responsabilidade social pode ser a via considerável para formação do espírito científico. Os primeiros estudos surgiram nos Estados Unidos da América, nos anos 50 do século passado, por meio de Charles Eliot, Arthur Hakley e John Clarck. Uma das premissas básicas diz acerca de qualquer ação que objetiva a melhoria da qualidade de vida de um sujeito na Sociedade da Informação e do Conhecimento nas dimensões ambiental, social e econômica. Porém, ela emerge como fenômeno epistêmico nessa e na Ciência da Informação a partir das recorrentes mutações social, cultural, política, tecnológica e do avanço científico (TARGINO *et al.*, 2019). Isso significa dizer que, no campo científico, ela emerge por meio de estudos, pesquisas e perspectivas epistemológicas. Um objeto que pode ser abrigado em qualquer área do conhecimento que tenha interesse na sua gênese, no percurso evolutivo e no seu papel como via epistêmica. (TARGINO *et al.*, 2019).

Conforme evidenciado na Figura 5, em um fluxo epistemológico, a Responsabilidade social é composta por sujeitos civilizados (TARGINO *et al.*, 2019). O sujeito empático (círculo vermelho, Figura 5, A), o sujeito ético (círculo turquesa, Figura 5, A), o sujeito moral (círculo preto, Figura 5, A) e o sujeito responsável (círculo roxo, Figura 5, A). Esses sujeitos têm como

articulador o sujeito informacional (círculo amarelo, Figura 5, B), que é mobilizador do consciente, e o sujeito tácito (círculo cinza, Figura 5, B), que é evoluído pelo pré-consciente quanto aos conteúdos no âmbito mental/conhecimentos. E também envolvido pelo inconsciente, quanto às problemáticas de instanciação, do mental ao visível, como os recalques. (POLANYI, 1966; SMIRAGLIA, 2005; TARGINO *et al.*, 2019).

Figura 5: Responsabilidade social



Fonte: Extraído de Targino *et al.* (2019).

Cada sujeito civilizado age de acordo com sua força que, ao mesmo tempo, é uma variável da Responsabilidade social. A empatia (círculo vermelho, Figura 5, A) é a capacidade de um sujeito colocar-se no lugar do outro de forma psicológica e geográfica. A ética (círculo turquesa, Figura 5, A) é a reflexão teórica, científica ou filosófica do comportamento individual do sujeito em sociedade. A moral (círculo preto, Figura 5, A), por sua vez, diz acerca do agir pela intersubjetividade, pois o sujeito está sendo obrigado psicologicamente por valor divino, cultural, social e grupal. A responsabilidade (círculo roxo, Figura 5, A) é uma qualidade de obrigação e o sujeito responsável é quem põe em prática a obrigação (ATKINSON *et al.*, 2002; TARGINO *et al.*, 2019).

Na Responsabilidade social (Figura 5, B), cada sujeito civilizado age por conta própria por suas fragilidades, como há troca de forças entre eles pelas instâncias ego, ideal de ego e superego. Na empatia, o sujeito é romântico; na ética, o sujeito é justiceiro; na moral, o sujeito é egocêntrico; na responsabilidade, o sujeito é rígido e falso; e, na informação, o sujeito informacional é transparente e arrogante. Apesar de o sujeito informacional

desempenhar um papel fundamental quantos aos outros sujeitos civilizados, é preciso estar vigilante, porque ele também pode devanear pela sua fragilidade. E quem faz a vigilância do sujeito informacional e a pertença do pesquisador da vigilância intelectual, crítica e científica que o faz situar-se entre a luz e a escuridão, porque uma depende da outra para existir (TARGINO *et al.*, 2019). Mesmo considerando as fragilidades do sujeito informacional, ele é o único que faz o caminho à luz, quando se refere à consciência, à crítica e à autocrítica. Pensar no sujeito informacional e no seu papel é percebê-lo em relação ao conhecimento e seus aspectos sociais, culturais, intersubjetivos e subjetivos, isto é, os reflexos da vida psíquica do pesquisador. Debruçar sobre o sujeito informacional no âmbito da Ciência da Informação significa perceber que existem sujeitos sentindo, buscando e usando a informação para uma determinada ação e para o conhecimento (ARAÚJO, 2013; TARGINO *et al.*, 2019). Assim, o sujeito informacional suspende os valores buscando esta informação e produzindo *insights* sobre si, fazendo operar a consciência sobre o inconsciente. Minimizando a individualidade do pesquisador dos conhecimentos teóricos, senso comum e individuais que emergem estruturados em devaneios, como as representações simbólicas, e estéticas, visualizando as representações epistemológicas. (AUMONT, 2012).

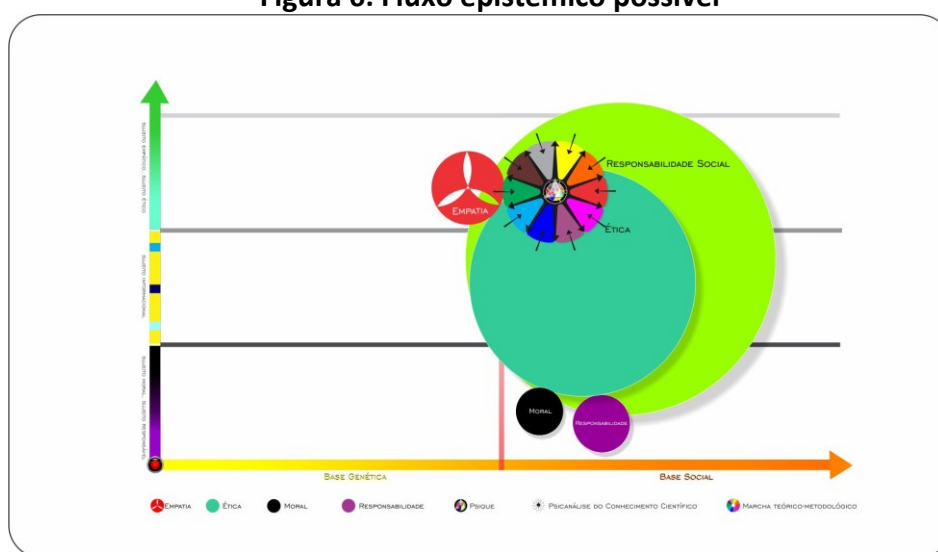
Nessa lógica, a Psicanálise do conhecimento científico toma como via a Responsabilidade social por dois caminhos. Quando os pesquisadores inserem seus valores no objeto científico de forma consciente, o foco parte da dimensão de moral da Responsabilidade social, carecendo aprofundamento da deontologia. Pois o pesquisador tem um superego frágil que não opera, assim, o ideal de ego realiza o desejo, e perde a noção da realidade no sentido das consequências, e, a partir daí, pode caminhar para o devaneio. Quando parte para a dimensão inconsciente, a Responsabilidade social foca epistemologicamente a Ética. E, dependendo do objeto científico, a ética é auxiliada pela empatia promovida por um superego estruturado. Quando não, a ética torna-se efetiva, porque ela diz acerca da verdade contada do pesquisador para ele mesmo. Além de ser ela um fenômeno institucionalizado, há no seu entrono vigilância social e acadêmica, visto que há os comitês de ética, que são um mecanismo de rigor importante do fazer cotidiano científico na marcha teórica-metodológica. Para Costa e Krüger (2017, p. 3), no rigor próprio, a ética diz acerca da “[...] honestidade do investigador para reconhecer seus erros e limitações, coragem para defender suas ideias frente à comunidade científica e sua capacidade de socialização.”

Assim, o pesquisador é compreendido por inexperiência epistêmico-acadêmica, como os discentes de graduação que dizem que se apaixonaram pelas temáticas de monografia, ou seja, se apaixonam pelo objeto de pesquisa. Aqui cabe ao mentor na orientação descortinar seu pupilo da paixão que poderá criar obstáculos científicos, inclusive entre orientadores e orientandos, quantos às temáticas de domínio do orientador.

4 DEVANEIOS CLÁSSICOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DOS DESEJOS ÀS ABSTRAÇÕES DA FELICIDADE

Ao considerar a construção de um objeto científico, inclui-se a atenção para as forças psíquicas na marcha teórico-metodológica, a partir da autocrítica, que considera a Psicanálise do conhecimento científico. Nessa perspectiva, examina todas as sedução da facilidade via Responsabilidade social, conforme a Figura 6, com foco na ética e na moral. É importante destacar os devaneios como abstrações da felicidade como obstáculos epistemológicos.

Figura 6: Fluxo epistêmico possível



Fonte: Adaptado do Targino *et al.* (2019).

De acordo com Minayo (1996), a crítica pode ser vista como a “alma” da ciência e revela também através dela a contribuição para o processo de validade de uma determinada área do conhecimento. Para Bachelard (1996, p. 29), a “[...] crítica [...] é, necessariamente, elemento integrante do espírito científico.” E ainda afirma que “[...] nenhuma crítica pode dissolver certas afirmações primeiras, ou seja, essências morfológicas clássicas. No máximo,

as experiências primeiras podem ser retificadas e explicitadas por novas experiências.” (BACHELARD, 1996, p. 52).

Assim, em uma crítica às abstrações nebulosas da felicidade, quando se destaca a relação contexto social, cultural e tecnológico, seus marcadores tecnológicos e o excedente destas relações, os estudos da Ciência da Informação devem ir além dos efeitos positivos estabelecidos *a priori* sobre a Sociedade da Informação e do Conhecimento, o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação e o acesso à informação. As abstrações nebulosas da felicidade, conforme Bachelard (1996), não são representações científicas, assim, não são nem proveitosas e muito menos dinâmicas. Elas, contrariamente, podem se fortalecer como obstáculos epistemológicos, já que se trata de devaneios que delimitam o que é ciência e pseudociência.

As abstrações nebulosas da felicidade são imagens mentais ou práticas mentais utilizadas para explicar e simplificar fenômenos mais complexos (BACHELARD, 1996). Emergem dos fluxos do imbricamento dos desejos potencializados pelos sentimentos, afetividades e emoções que podem emergir nas posturas e nos comportamentos dos estudiosos da Ciência da Informação, potencializando alguns devaneios clássicos já considerados e que lhes impedem a visão do outro lado (TEIXEIRA, 2001). Assim, esse fluxo ocorre quando se foca na Sociedade da Informação, nas tecnologias digitais de informação e comunicação e no acesso e uso de informação e conhecimento. A partir das abstrações da felicidade criacionista, emergem nos agentes da Ciência da Informação o paraíso, a macieira e o fruto que resultam na transcendência cognitiva geográfica e simbólica. Estas abstrações se configuraram como ilustrativas e didáticas para a compressão do que são abstrações nebulosas da felicidade, uma vez que é possível que diferentes abstrações possam flutuar sobre as psiques de forma subjetiva e intersubjetiva.

Assim, a primeira abstração de felicidade é potencializada pelo sonho e desejo, no campo Ciência da Informação, no discurso que projeta a Sociedade da Informação como paraíso infocomunal, onde as seduições da facilidade são marcadas pela utopia de que todos os sujeitos, independente de gênero/sexo, raça, cor, identidade e classe, têm acesso e uso da informação. Com efeito, a informação é uma mercadoria que não se esgota com o consumo, como uma maçã (BARRETO, 2000). Na Sociedade da Informação, o sujeito pode ser hiperiluminado pelos feixes de luzes da informação que irão reestruturar sua psique, ou seja, seu conhecimento. Um sujeito tão iluminado, aquele que fora projetado pelos filósofos

iluministas e desejado por estudiosos do século XXI, e institucionalizado no Brasil a partir de 2000 por meio do projeto Livro Verde (FORTES, 1981; TAKAHASHI, 2000). Pedro Demo (2000) refletiu sobre essa abstração em seu texto ‘Ambivalências da sociedade da informação’, argumentando que a vida na Sociedade da Informação é ambígua e se aproveita do falso altruísmo para progredir, enobrece o sujeito e, ao mesmo tempo, o discrimina. Este contexto social, tecnológico e cultural se fortalece também por meio da lógica capitalistas com as intenções de produção da informação, o que inclui o objetivo de desinformar. As *fakenews* têm se tornado a expressão mais efetiva da premissa segundo a qual “Desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz. Trata-se do mesmo fenômeno, apenas com sinais inversos.” (DEMO, 2000, p. 38). A utopia *open access*, que corresponde aos processos de disseminação e democratização da informação, se localiza como base desta abstração. Nem tudo disseminado é informação, muitos menos tudo que é disseminado fora proposto por uma política democrática, mas pela perspectiva de um ponto de vista.

A segunda abstração nebulosa, mas de felicidade, na Ciência da Informação, corresponde à abstração da macieira, potencializada por desejo, amor e posse das tecnologias digitais de informação e comunicação, compreendidas como um conjunto de artefatos técnicos e informações epistêmicas, teóricas e técnicas, que se integram por meio de estruturas materiais, funcionais, lógicas e simbólicas, tais como *hardware*, *software* e telecomunicações, o que inclui também o computador, a Internet, e *hypertext*, entre outras. No contexto da Sociedade da Informação e do Conhecimento, o acesso e o uso das tecnologias digitais de informação se tornaram imperativos pela penetração na vida social, econômica e política dos sujeitos e da sociedade, estes na condição de nativos do paraíso infocomunal. Assim, há estranheza aos resistentes, em razão de que é sabido que a construção e a utilização de artefatos tecnológicos são práticas do *Homo sapiens moderno*, que tem o *Homo habilis* no andamento da evolução como o primeiro a utilizar artefatos tecnológicos (LEAKEY, LEWIN, 1982). Na Sociedade da Informação e do Conhecimento, a noção de sujeito *ciborgue* compreende aquele que constrói, e, sobretudo, utiliza as tecnologias digitais de informação como extensões do corpo e da psique, ou seja, dos artefatos tecnológicos e saberes. Neste sentido, essas tecnologias se caracterizam essencialmente como objetos do desejo dos sujeitos situados no paraíso infocomunal, na lógica da normose tecnológica, que configura um bem material e simbólico utilizado na

busca do prazer, do gozo e das superações do estado anômalo do conhecimento (BELKLIN, 1980; WEIL, 2000).

A terceira abstração nebulosa da Ciência da Informação compreende o acesso e o uso da informação, materializada na figura da maçã (BARRETO, 2000). Esse insumo ocupa lugar de destaque nas agendas de pesquisa e produção científica, bem como nas esferas políticas e de desenvolvimento econômico, individual e coletivo. Assim, muitas vezes, ela se constitui como um mecanismo que pode tornar o sujeito livre das amarras da dominação que corresponde à outra abstração poética. Ela diz acerca da construção e reconstrução cognitiva, ou seja, trata-se de conhecimento quanto à razão, lógica e dialítica. E a partir dele o sujeito pode transcender não apenas territórios simbólicos, mas os territórios geográficos (LE COADIC, 1996; WEIL, 2000; BARRETO, 2000).

A transcendência é o mais fascinante dos poemas, dado que, quanto mais conhecimento que implica na razão, lógica e dialítica, mais possibilidades possíveis para o sujeito. Assim, a noção de transcendência apenas potencializa a sociedade do desejo, do desejo de estar sob as luzes e de elas serem seus guias, do desejo da informação, do desejo da construção cognitiva pelo conhecimento, do desejo de tornar-se consciente, e de tornar-se empático, ético, responsável e moral. Mas, na sociedade das luzes, há canhões de feixes de luz que jogam os sujeitos às trevas, quando não os deixam transparentes. Na Sociedade da Informação, utiliza-se a informação para escravizar o outro, visto que a informação é poder, e o poder deveria ser de transcendência de si mesmo. Na Sociedade do Conhecimento, em que a ignorância é a origem de todo mal, a sapiência tem sido também, pois, o sujeito, muitas vezes, não usa o conhecimento, nem mesmo para crescimento próprio. Na Sociedade da Consciência, o sujeito do inconsciente emerge quando o problema de uma grande maioria implica na infelicidade de apenas um sujeito. E, por último, na Sociedade da Responsabilidade social, esse desejo torna-se difícil quando um sujeito percebe que o outro não compartilha o mesmo desejo que sustenta a empatia, a ética, a responsabilidade e a moral. (WEIL, 2000).

Minimizar estas abstrações nebulosas da felicidade das filosofias fáceis, que a *priori* se apresentam elementares e prosaicas, possibilita o rompimento com a ataraxia. É uma estratégia epistêmica para uma conexão do pesquisador no novo espírito científico, pois, para Bachelard (1996, p. 29), “[...] em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes [...]”. Nesta lógica, denominar o contexto

social e especial atual, de Sociedade do Desejo, acontece a partir da teoria criacionista que começa com o desejo ao conhecimento. Na sociedade do desejo há atração positiva para os objetos tangíveis e intangíveis desejados, por sua imagem mnêmica. Mas, quando se realiza os desejos não há mudanças efetivas e nem justificativas de realização deles.

E esses desejos produzem mais ambiguidade, ambivalência, diferenças e angústias pelas tecnologias e saberes vigentes do contexto social e especial que produzem; preconceito e discriminação, que ao mesmo tempo enobrece, mas, também visibiliza; produz esquecimento, que fragiliza memória individual, coletiva e social pela profusão; produz dissonância cognitiva e ranço por meio das *fakenews*; produz mal-estar a partir da crítica pela crítica no fluxo do deboche; produz conteúdo fantasiosos sobre os modos de vida pelo narcisismo e produz maldade, desconsiderando as aprendizagens sociais da empatia pela perversão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetos científicos, que incluem a informação, conduzem cada vez mais o cotidiano e as atividades humanas no contexto da Sociedade da Informação. Eles carregam as impressões dos pesquisadores, uma vez que na marcha teórico-metodológica há um fluxo dos aspectos axiológicos.

A Psicanálise do conhecimento científico via Responsabilidade social é um conjunto de estratégias epistêmicas para compreender e minimizar as forças dos aspectos axiológicas que perpassam os interesses, as intenções e as comodidades dos agentes da Ciência da Informação quanto ao seu objeto. A Psicanálise do conhecimento científico diz acerca do retorno do pesquisador às suas forças psíquicas, ao passo que a Responsabilidade social permite esse retorno pela ética. Essa que se caracteriza como mecanismo epistêmico no fluxo do racionalismo aplicado e vigilância científica na marcha teórico-metodológica. Estas estratégias visualizam a produção a partir dos estudos poliepistemológicos, na suspensão de forças, sobretudo, no fluxo do imbricamento entre o consciente, pré-consciente e inconsciente, da intersubjetividade e da subjetividade do pesquisador. Nestas lógicas, se consideram também as afetividades, as emoções e os sentimentos, visualizando os devaneios como representações que imobilizam o avanço científico, pois podem emergir como obstáculos epistemológicos que entravam sua produção.

Considerar o sujeito empático, responsável moral e, sobretudo, e sujeito ético como ação principal das contribuições da Psicanálise do conhecimento científico via Responsabilidade social, significa visualizar um fluxo epistêmico quanto às trocas de forças, que irão incidir na ação da ética sobre a moral, como também em suas intenções e fragilidades de ambas. Sobretudo, quando se destaca: 1) o sujeito ético sob a dimensão do inconsciente; 2) o sujeito moral sob a dimensão do consciente; e 3) na ação do sujeito ético sobre o sujeito moral. Neste sentido, o sujeito informacional emerge com ação secundária como o único que consegue produzir *insights* acerca destas três realções. Pois os sujeitos éticos e morais podem ser potencializadores das abstrações nebulosas, o que inclui o devaneio. O sujeito informacional busca as representações epistêmicas entre ambos, se distanciando das atrações simbólicas e estéticas. Assim, as forças axiológicas que perpassam os interesses, as intenções e as comodidades dos agentes da Ciência da Informação quanto ao seu objeto são minimizadas. Sobretudo, quando se destaca a Sociedade da Informação e do Conhecimento como o paraíso infocomunal, que é a dimensão do amor ao grande, ao infinito e ao ilimitado que constituem o devaneio. Como também terreno fértil, pois o acesso e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação como a árvore do conhecimento e meio, e a informação como fruto do conhecimento e fim para alcançar à transcendência. A abstração mais nebulosa que faz a manutenção do devaneio do criacionismo.

Enfim, pôr em prática a racionalidade aplicada e a vigilância epistêmica significa descortinar as abstrações nebulosas da felicidade na Sociedade da Informação e do Conhecimento, que permeiam as tecnologias digitais de informação e comunicação, e informação. Esses elementos emergem em conjunto como o devaneio do criacionismo do paraíso perdido ao qual há um desejo de retorno a ele. Assim, a contribuição da Ciência da Informação deve ir além destas abstrações nebulosas da felicidade. Deve-se enxergar o outro lado, o lado dentro do pesquisador, visualizando os cenários de antecipação dos reflexos ingratos da Sociedade da Informação e do Conhecimento, das tecnologias digitais de informação e comunicação e da informação, dando voz aos estudos nesta perspectiva.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as ciências humanas e sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- ATKINSON, L. R. et al. **Introdução à psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo. Editora Papirus, 2012.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.12, n. 2, p. 1-13, 2002. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/143/137>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Litoral, 1994.
- BARRETO, A. A. O MERCADO DE INFORMAÇÃO NO BRASIL. **Informação e Informação**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 25-34, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fd7a/15473f760fba20bf0f652db2824f82f50675.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- BELKLIN, N. J. Anomalous States of Knowledge as bases for information. **The Canadian Journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.
- BORKO, H. Information Science: whats is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- COSTA, R. C., KRÜGER, V. Concepções sobre objetividade / subjetividade no fazer ciência e possíveis implicações na sala de aula universitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6., 2017, Pelotas, RS. **Anais [...]** Pelotas, RS: USP, 2017. Disponível em: <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL054.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885/920>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdades. In: DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

DUNKER, C. **Afeto, emoção e sentimento na psicanálise**. Publicado pelo canal Christian Dunker. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LNjcXFKGW_c. Acesso em: 10 jul. 2019.

FREUD, S. **Zur auffassung der aphasien**: eine kritische studie. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.

FORTES, L. R. S. **O Iluminismo e os reis filósofos**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Data Grama Zero** - Revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

LEAKEY, R. E.; LEWIN, R. **Origens**. 4. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1982.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF; Briquet de Lemos, 1996.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 61-67.

MINAYO, M. C. S. A fase de análise de dados. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 197-247.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. London: Routledge & Kegan Paul, 1966

RAYAWRD, W. B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997. Disponível em: doi:10.1002/(SICI)1097-4571(199704)48:4<289::AID-ASI2>3.0.CO;2-S. Acesso em: 10 jul. 2018.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan. / jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Aceso em 13 abr. 2019.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **Data Grama Zero**: Revista de Ciência da Informação, dez. 1999. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/45629>. Acesso em: 13 abr. 2019.

SILVA, J. L.C. A subjetividade no discurso da sociedade da informação. In: MOTA, A. R. et al. **Versados em Ciência da Informação**. João Pessoa: Imprell, 2014.

SISSON, N.; WINOGRAD, M. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v64n3/v64n3a10.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SMIRAGLIA, R.P. **Instatiation**: Toward a Theory. Proceedings of the Conference of Canadian Association for Information Science/L'Association canadienne des sciences de l'information, London, Ontario, Canada, 2005.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TARGINO, M. G. *et al.* Do Sujeito Empático ao Sujeito Informacional: Relações Epistemológicas Acerca da Responsabilidade Social na Ciência da Informação. **Rev. FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, p. 265-282, maio/jun. 2019. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807/491491877>. Acesso: 10 jul. 2019.

TEIXEIRA, T. S. Delírio, fantasia e devaneio: sobre a função da vida imaginativa na teoria psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 4, n. 3, jul./set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n3/1415-4714-rlpf-4-3-0067.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

WEIL, P. A normose informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.61-70, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a08v29n2>. Acesso em: 23 jul. 2019.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.